

AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS ESCRITO POR SURDOS USUÁRIOS DE LSB: EFEITOS DA INTERFERÊNCIA DA L1 EM CONTEXTO DE CONCORDÂNCIA VERBAL

Lilian Coelho PIRES*

ABSTRACT: The study investigates the acquisition of (written) Portuguese as a second language (L2) by deafs having Brazilian Sign Language (LSB) as their first language (L1). Assuming the parametric differences between Portuguese and LSB in subject and object agreement, the aim is to test the hypothesis of interference of L1 in the acquisition of L2.

KEYWORDS: language acquisition; portuguese writing; LSB; verbal inflection; verbal agreement.

1. Introdução

O estudo examina a aquisição de português escrito como segunda língua (L2) por surdos, tendo a Língua de Sinais Brasileira (LSB) como primeira língua (L1), com o objetivo de comparar os valores paramétricos entre o português e a LSB referentes à concordância verbal, além de verificar a hipótese de interferência da L1 na aquisição da L2.¹

Tendo analisado produções escritas em português por sinalizantes surdos brasileiros, observou-se que, mesmo depois de um tempo de escolaridade, esses indivíduos continuam apresentando estruturas sintáticas desviantes da gramática da língua portuguesa.²

Com base nas dificuldades com a língua portuguesa (doravante, LP), como segunda língua (L2) manifestadas pelos sinalizantes da Língua de Sinais Brasileira (doravante, LSB), serão descritas e analisadas as estruturas sintáticas das produções escritas em LP como L2 pelos sinalizantes surdos, as quais serão discutidas tendo como fundamentação os pressupostos da teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981 e obras posteriores). Para tanto, os dados da análise foram obtidos por meio de uma técnica experimental intralinguas, denominada “produção eliciada”, com dezessete alunos surdos cursando o ensino médio. Os resultados da investigação especificam as propriedades variáveis entre as duas línguas, no que se refere à flexão verbal de concordância, possibilitando observar os estágios de aquisição da L2 em que os sujeitos se encontram.

A análise defende que, no processo de aquisição da LP escrita, os surdos inicialmente transferem valores paramétricos próprios de sua L1. Essa afirmação é sustentada pela Hipótese do Acesso Parcial à Gramática Universal (GU), que advoga que a aquisição da L2 pode ser intermediada pela gramática da L1, isto antes que o aprendiz tenha se apropriado dos novos valores paramétricos da L2. Nesse quadro teórico, a LSB é tratada como uma língua natural de modalidade visuo-espacial, exatamente como as línguas naturais da modalidade oral-auditiva.

Além do objetivo de examinar os valores paramétricos que distinguem LP e a LSB no que diz respeito à flexão verbal de concordância, a fim de verificar, na estrutura sintática das

* Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutoranda em Linguística da Universidade de Brasília.

¹ Agradeço a valiosa orientação da Prof^{ra}. Ruth E. V. Lopes, que resultou na elaboração deste trabalho.

² Não se toma o termo ‘gramática’ aqui como sinônimo de ‘norma’ e sim como conhecimento interno de uma língua.

sentenças escritas em LP pelos sinalizantes, se há interferência da L1 na aquisição da L2, com a identificação dos valores paramétricos da LSB na estrutura sintática da interlíngua do surdo, o estudo objetiva, ainda, caracterizar o estágio inicial de aquisição da L2 por aqueles informantes surdos.

Este artigo se organiza da seguinte forma: na segunda seção, serão apresentadas as diferenças paramétricas entre o PB e a LSB, no que diz respeito à flexão verbal número-pessoal; na terceira seção, serão apresentados e discutidos os resultados do experimento aplicado aos surdos. Na quarta seção, serão correlacionados os resultados linguísticos com as características linguísticas dos informantes, a fim de apontar indiretamente a proficiência em L2 desses indivíduos. Finalmente, na conclusão, as discussões em 3 e 4 serão retomadas.

2. Diferenças paramétricas entre a LP e a LSB

Em português, a concordância verbal se dá com todos os tipos de verbos cujas flexões indicam a pessoa pronominal do sujeito, havendo contextos sintáticos específicos que licenciam o apagamento de sujeito.

Em LSB são dois os tipos de verbos: verbos sem concordância, os quais não licenciam o apagamento dos argumentos do verbo, e os verbos com concordância, cujas flexões³ indicam o objeto e/ou o sujeito da sentença; nesse caso, é licenciado o apagamento tanto do objeto quanto do sujeito da sentença.

Quadros (1999 *apud* Quadros & Karnopp, 2004, p. 201) simplificou a classificação dos verbos na LSB em verbos com e sem concordância verbal: com ‘verbos sem concordância’, a apontação é explícita, na indicação do sujeito, e com os ‘verbos com concordância’, ocorre o processo de incorporação de pronomes, isto é os verbos se flexionam em pessoa e número.

Portanto, os parâmetros que se referem à concordância verbal, ou à flexão número-pessoal dos verbos, são bastante distintos entre as duas línguas, uma vez que a concordância dos verbos na LP indica o sujeito de uma sentença, e todos os verbos são flexionados, enquanto em LSB a concordância se dá com o sujeito e com o objeto, sendo essa flexão observada somente com um conjunto de verbos. Essa marcação paramétrica pode ser esquematizada:

LP	LSB	
Todos os tipos de verbos	Verbos c/ concordância	Verbos s/ concord.
Valor [+] concordância com o sujeito. Valor [-] concordância com o objeto.	Valor [+] concordância com o sujeito. Valor [+] concordância com o objeto.	Valor [-] para verbos sem flexão.
Marca de concordância com todos os tipos de verbos. Sufixos flexionais indicam a pessoa e número do discurso.	Marca de concordância com verbos flexionados em número e pessoa. Movimento direcional indica as pessoas pronominais.	Sem marca de concordância. Apontação da pessoa pronominal é explícita.

Quadro 1 – Parâmetro da Concordância Verbal da LP e LSB

³ Atenho-me às flexões verbais que indicam as três pessoas do singular, diante da hipótese de que há restrições fonológicas para a realização do sinal dos verbos com concordância indicando as pessoas do plural na LSB, havendo necessidade de ocorrer o preenchimento dos pronomes do plural quando a concordância ocorre com o objeto.

O parâmetro da concordância verbal na LP (com todos os verbos) é fixado no valor positivo, indicando o sujeito da sentença, e negativo, ao corresponder com o objeto; por outro lado, em LSB o parâmetro da concordância verbal (somente com os verbos com concordância) é fixado nos valores positivos, indicando a concordância com o sujeito e com o objeto da sentença.

Como vemos pelo quadro acima e conforme se apontou anteriormente, ambas as línguas licenciam argumentos nulos, conquanto que de formas diversas (cf. Pires, 2005). Não irei, contudo, explorar esse fenômeno neste trabalho.

No português brasileiro o enfraquecimento da morfologia verbal (cf. Galves, 1993) é responsável por dificultar a identificação do sujeito nulo no PB, dada a perda das marcas de pessoa no verbo, já que há uso de flexões idênticas para várias pessoas do discurso. Este fenômeno também se refletiu no português escrito (cf. Kato, 1999).

Segundo Figueiredo Silva (1994, p. 40), no português, os traços de número e pessoa da concordância verbal são no máximo quatro. A autora exemplifica: *eu canto, você canta (tu canta), ele canta, a gente canta (nós cantamos), vocês cantam, eles cantam*. Os verbos, assim, concordam com elementos nominais (os sujeitos sentenciais) em número e pessoa, sendo essa uma regularidade geral da língua. Assumirei este paradigma flexional de singular para o PB proposto por Figueiredo Silva (1994, p. 40).

Vejamos, agora, como se apresentam os traços de número e pessoa da flexão verbal em LSB.

Ferreira-Brito (1995, p. 47) afirma que a LSB apresenta três pessoas do discurso, no singular e plural. Em todos os casos do singular, a configuração usada é a mão em [G₁], ou seja, o indicador estendido e os outros dedos flexionados/unidos à palma da mão. Na primeira pessoa, o indicador aponta para o peito do locutor; na segunda, para o interlocutor; as terceiras pessoas são representadas por pontos no espaço, estabelecidos durante o discurso, ou pela localização do referente presente (ilustração em Quadros & Karnopp, 2004, pp. 112 e 113). Quadros & Karnopp (2004, p. 130) afirmam que “na LSB, os sinalizadores estabelecem os referentes associados à localização no espaço (...). Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso.” Quando os referentes estão presentes, os pontos são estabelecidos na posição real e quando ausentes são estabelecidos pontos abstratos no espaço.

Aos referentes pronominais incorporados nos verbos com concordância, a posição do corpo, a orientação do olhar e da mão proporcionam informação sobre a atribuição de papéis temáticos e a ordem dos constituintes na estrutura sintática dos sinais. Quadros & Karnopp (2004, pp.112-119, 130 e 199) afirmam que as formas flexionais que se responsabilizam pela expressão de pessoa e concordância são estabelecidas através do início (sujeito) e fim do movimento (objeto direto/índice) e da direção do verbo (locativo), incorporando-se estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes. A flexão dos verbos em LSB é considerada um processo morfológico pelas autoras, assim como é para Ferreira-Brito (1995, p. 48), que afirma que o ponto inicial do movimento é o sujeito e o ponto final é a flexão do objeto⁴, sendo estabelecidos como tais através do movimento direcional no espaço.

Com base em descrições de Ferreira-Brito (1995) e Quadros & Karnopp (2004), analiso morfológicamente que as flexões dos verbos em LSB são expressas por meio de morfemas que carregam significado de pessoa e número realizados no espaço de modo

⁴ Nos verbos direcionais chamados “revertidos” ou reversíveis, como os verbos CONVIDAR e PEGAR, o ponto inicial marca o objeto direto, o objeto indireto ou o locativo, e o ponto final marca o sujeito. (cf. Ferreira-Brito, 1995, pp. 56 e 63).

simultâneo. Assim, o morfema afixado ao verbo que indica o sujeito (ponto inicial do movimento) pode ser estabelecido no espaço da seguinte forma: a 1^a. p.s. (eu) localiza-se próxima ao corpo do sinalizante/locutor; a 2^a. p.s. (tu, você) localiza-se próxima ou em direção do alocutário; a 3^a. p.s. (ele/ela) localiza-se no ponto do referente específico ou à frente e ao lado do sinalizante/locutor. Se a 3^a. pessoa do discurso não estiver presente no momento da enunciação, é estabelecido um ponto específico para essa pessoa localizando-se à frente e ao lado do tórax do enunciador. Essas localizações são idênticas aos pontos estabelecidos no espaço para os pronomes e também podem se referir a qualquer outro sintagma nominal. O morfema afixado ao verbo da LSB que indica o objeto (ponto final do movimento) corresponde às 1^a., 2^a. e 3^a. pessoas do singular e se assemelha aos pontos de localização dos morfemas que indicam os sujeitos, porém ocorre o acréscimo de outros traços às 2^a. e 3^a. pessoas, tais como: Orientação e Expressões não-manuais, identificadas pela direção do olhar e do tórax. Resumindo, em LSB, o ponto inicial do movimento direcional carrega o morfema de pessoa e número do verbo, fazendo referência à posição sintática de sujeito na sentença. O ponto final do movimento direcional carrega o morfema de pessoa e número do verbo, referindo-se a posição sintática de objeto. E a raiz é o próprio verbo em sua forma não flexionada.

Em português, por outro lado, o sufixo de pessoa e número é afixado à raiz do verbo, estabelecendo concordância com o sujeito da sentença. Esse é um ponto em que a LSB se diferencia do LP, pois as realizações dos morfemas flexionais de pessoa e número são distintas morfológica e sintaticamente em cada uma das línguas.

Rathman & Mathur (2002), *apud* Quadros & Karnopp (2004), verificaram que a concordância verbal na língua de sinais está associada com diferentes tipos de verbos em relação às propriedades semânticas de seus argumentos (seleção de argumentos animados e inanimados). A concordância verbal está presente com objetos diretos/indiretos animados. A função da concordância número-pessoal em LSB é simples indexação dos participantes no estado ou evento descrito pelo verbo, não alterando o significado inerente ao mesmo. Estou aqui considerando que a concordância ocorre com o Sujeito e/ou com o Objeto da sentença e os morfemas flexionais ocupam uma posição sintática. O fato de a concordância verbal estar presente com objetos diretos/indiretos animados nos traz uma grande evidência de que então o processo se dá na sintaxe e não é um processo estritamente morfológico, já que é sensível a traço semântico do argumento.

Meir (2002) apresenta uma análise dos verbos com concordância, na Língua de Sinais Israelense, que vale aqui mencionar. A autora propõe que a concordância dos verbos parece ser tematicamente em lugar de sintaticamente determinada, já que o verbo concorda com seus argumentos - sua fonte e meta -, isto em se tratando dos verbos com concordância, pois a morfologia flexional de concordância não é uma propriedade geral dos verbos na língua de sinais. Meir considera, ainda, que concordância não é uma propriedade dos verbos da língua de sinais, mas sim uma propriedade de DIR (morfema direcional), portanto, é esperado que nas línguas de sinais haja verbos que não se flexionem para concordância. A autora define a concordância verbal em ISL, como a seguir: (a) a concordância é concebida como as especificações de local (pontos inicial e final) do verbo com concordância; (b) há dois tipos principais de verbos na língua: verbos que não se flexionam para concordância (verbos sem concordância), e verbos que se flexionam (verbos com concordância e verbos espaciais); (c) o movimento de trajetória dos verbos espaciais e de concordância são do local do argumento de fonte ao local do argumento de meta, determinando nesses locais os papéis temáticos. Assim, pode ser dito que a concordância é determinada tematicamente; (d) a orientação das mãos nos verbos com concordância é um mecanismo distinto da direção do movimento de trajetória. A orientação das mãos determina os R-loci (lugar dos referentes) do objeto sintático, marcando-

os com caso dativo. A concordância verbal nas línguas faladas não é relacionada à estrutura conceitual do verbo, mas sim a posições estritamente sintáticas. Portanto, a concordância em uma língua espaço-visual é marcada em um predicado que codifica um evento de movimento entre pontos no espaço, que é precisamente o que DIR codifica.

Apresento, a seguir, um quadro resumindo as diferenças entre as línguas:

Concordância Verbal	
LP	LSB
Flexão verbal com todos os tipos de verbos.	Flexão verbal somente com os verbos denominados “verbos com concordância”
A flexão verbal indica a pessoa, número, tempo e modo. *	A flexão verbal indica pessoa, número e aspecto.**
Marcas de concordância com o Sujeito	Marcas de concordância com o Objeto e/ou com o Sujeito.
Notas: * A flexão dos verbos em português indica pessoa, número, tempo e modo verbal realizados por morfema cumulativo, porém esses dois últimos não serão explorados neste trabalho. ** O tempo verbal em LSB é identificado por um elemento lexical, como advérbios AGORA, AMANHÃ, ONTEM, FUTURO e outros.	

Quadro 2 – Síntese das diferenças paramétricas entre a LP e LSB

Dadas as diferenças paramétricas entre as línguas referentes à flexão verbal de concordância, visa-se mostrar que a aquisição da L2 ocorra via acesso à GU; e, com isso, discutir de que modo a GU é acessada na aquisição da L2; hipotetizando-se que o acesso seja parcial. Desse modo, a hipótese a ser testada é a de que, no estágio inicial da aquisição do português escrito como L2, o sinalizante tenderá a transferir os valores paramétricos de sua língua materna. Essa hipótese nos permite prever que em sua produção escrita os sinalizantes tenderão a utilizar-se de verbos em sua forma infinitiva ou a utilizar-se de flexão de concordância nos casos coincidentes com a LSB.

Portanto, suponho que a má formação das sentenças na produção escrita em português pelo indivíduo surdo, referente a essas diferenças paramétricas, ocorre pelo fato de o sinalizante ainda não ter fixado os valores paramétricos da L2, pois o *input* necessário e apropriado não lhe foi oferecido.

3. Discussão dos resultados linguísticos

3.1. Os informantes e o experimento

Os dados foram obtidos por meio de técnica experimental denominada “produção eliciada”, cujo objetivo era o de conduzir os informantes a produzirem sentenças escritas em português com verbos que correspondiam em LSB a verbos com e sem concordância. O experimento ocorreu por meio de narrativas sinalizadas em LSB, por um sinalizante nativo, a partir das quais os informantes produziam sentenças escritas em português. Exemplifico:

- (1) João e Maria estavam conversando. Ele não sabia que à noite a Maria iria à festa de aniversário de Luíza. Então ele perguntou para Maria: - O que você vai fazer hoje à noite? O que a Maria respondeu para o João?
Resposta esperada: Eu vou à festa de aniversário de Luíza.

O experimento foi aplicado a 17 surdos, filhos de pais ouvintes, que frequentam uma mesma classe, somente de surdos, no ensino médio, na Grande Florianópolis.⁵

Informações mais específicas sobre o contato dos surdos com ambas as línguas serão fornecidas na seção 4.

3.2. Os dados

Foi obtido um total de 234 sentenças das quais foram subtraídas 58, restando 176 sentenças próprias para a análise. Essas exclusões se deram pelos seguintes motivos: (a) enunciados construídos sem verbo, constituinte imprescindível para nossa análise; (b) sentenças consideradas de difícil compreensão em português, refletindo um agrupamento de palavras sem conexão ou sem relação semântica; e (c) sentenças caracterizadas como de difícil decisão em relação à identificação e/ou distribuição dos constituintes.

Os dados foram então separados em dois grandes blocos: sentenças finitas e sentenças infinitivas. Do total de 176 sentenças, 128 foram sentenças finitas (73%) e 48 sentenças infinitivas (27%). Incorporam-se ao total de 48 sentenças infinitivas, os casos que apresentam os verbos esperados e não-esperados em sua forma infinitiva nas sentenças em português. Os verbos infinitivos esperados são aqueles que se apresentam em contexto de encaixamento, licenciados em orações de estruturas complexas (16 casos). Os verbos infinitivos não-esperados (32 casos) são aqueles que necessariamente deveriam apresentar morfema flexional de número e pessoa em sentenças com estruturas simples ou complexas, porém foram registrados em sua forma infinitiva, o que as torna agramaticais em português.

Passamos então a efetuar um levantamento correlacionando às sentenças finitas e infinitivas⁶ produzidas em português aos verbos com e sem concordância da LSB para observar a interferência de uma língua na outra, no que diz respeito à marca de flexão de concordância verbal.

Para além disso, os verbos utilizados na produção escrita foram divididos segundo sua transitividade: “transitivo direto”(doravante, VTD), “transitivo indireto” (doravante, VTI), “transitivo direto e indireto” (doravante, VTDeI), “intransitivo” e “verbo de ligação”, este último caso, inexistentes em LSB e desconsiderados neste trabalho.

Primeiramente, vejamos a ocorrência dos verbos com concordância nas produções em LP. Verificou-se que as sentenças finitas, relacionadas aos verbos com concordância em LSB, resultam em 52 ocorrências, 40,6% do total de sentenças finitas. Essas ocorrências eram esperadas, pois não há diferença dos valores paramétricos com esse tipo de verbo em ambas línguas; nas duas há flexão verbal.

Valor não esperado foi o das 24 ocorrências de verbos com concordância em LSB em produções de sentenças infinitivas em português, 50% do total dessas sentenças, já que, conforme mencionado, em ambas línguas esses verbos recebem marca de flexão. Enfatizo ainda, que cinco (5) dessas sentenças infinitivas com verbos com concordância são infinitivas licenciadas em português e que as 19 sentenças restantes são agramaticais. Acredito que esses cinco (5) casos citados refletem fixação paramétrica ou um estágio intermediário de aquisição

⁵ Agradeço ao CEFET-SC – Unidade São José, onde o experimento foi aplicado, pela ajuda dos professores e pelo acesso à classe de surdos durante a pesquisa.

⁶ Ressalto que durante a análise dos dados, quando menciono “sentenças finitas” e/ou “sentenças infinitivas” estarei me referindo a sentenças escritas em Português que correspondem às sentenças com verbos flexionados e as sentenças com verbos não flexionados respectivamente. E quando mencionar “verbos com concordância” e “verbos sem concordância” estarei me referindo à terminologia adotada para os verbos em LSB (+Agr) e (-Agr) respectivamente.

da L2 e a razão das 19 sentenças agramaticais se dê por falta de exposição ao *input*. Há em (2) uma oração infinitiva esperada na língua, com verbo com concordância em LSB.

(1) [[[₁[Maria esqueceu] ₂[e precisa] ₃[**avisar** no horário 5:00h tarde]]]

Observemos agora a ocorrência dos verbos sem concordância em LSB nas sentenças em LP. As construções sentenciais finitas com verbos sem concordância atingiram o total de 66 ocorrências, representando 51,5% do total de dados das sentenças finitas.

Nas sentenças infinitivas, o resultado foi de 24 ocorrências (50% do total dessas sentenças). Dessas, 11 sentenças foram construídas em contextos sintáticos que licenciam o verbo em sua forma infinitiva em português, conforme exemplificado em (3); sobrando, portanto, 13 ocorrências de infinitivas agramaticais na LP, exemplificadas em (4):

(3) [₁[Eu quero] ₂[**falar** comigo]]

(4) [Maria **conversar** já antes veze João]

Esse resultado agramatical faz crer que o valor paramétrico dos verbos sem concordância em LSB interferiu nas produções escritas em português, enquanto as produções sentenciais com verbos em forma de infinitivo licenciado evidenciam que o valor paramétrico da LP já foi fixado por alguns informantes.

Acreditamos que a ocorrência de verbos sem concordância nas sentenças infinitivas agramaticais se dê pelo fato de os informantes ainda não terem fixado o valor paramétrico da flexão verbal na LP, e os casos em que esses verbos aparecem flexionados é porque a estrutura argumental do verbo está em jogo no acionamento paramétrico da L2, por conseguinte não totalmente desprendido do valor paramétrico da L1. Em outras palavras, a classe de verbos interfere na flexão verbal da língua adquirida, pois as flexões na L2 ocorreram quando o sintagma verbal (VP) foi encabeçado por um verbo de dois argumentos, um externo e outro interno, ou por um verbo de três argumentos, um externo e dois internos, tendo esses verbos o argumento interno representado por um sintagma preposicionado (PP). Voltarei a isso logo a seguir.

Comparados globalmente os resultados finais das sentenças finitas e infinitivas com os verbos correspondentes em LSB – com e sem concordância –, constata-se que os resultados foram equilibrados: 43,1% do total dos dados foram com verbos com concordância e 51,1%, sem concordância.

Considerada a classificação dos verbos em todas as sentenças finitas e infinitivas com os dois tipos de verbos na LSB, verifico que os VTD aparecem em maior produção nas sentenças finitas: 55,7% com verbos com concordância e 60,6% com verbos sem concordância. Do mesmo modo ocorre com a soma dos VTI e VTDeI, que aparecem em maior número nas sentenças finitas, 34,5% com verbos com concordância e 24,2% com verbos sem concordância. Esclareço aqui, que os casos de infinitivas gramaticais em português foram excluídos ao relacionar os tipos de verbos classificados em LP e calculei os percentuais sobre o total de sentenças gramaticais e agramaticais.

A literatura sobre LSB mostra que não há uma correspondência entre o verbo com e sem concordância nessa língua e sua transitividade. A forma do verbo não parece ser determinada pelas características referentes aos seus argumentos. Porém, foi constatado que os VTD, assim como os VTI e os VTDeI são expressos em números proporcionais nas sentenças finitas, independentemente de serem verbos com ou sem concordância na LSB. No entanto, ao observá-los nas sentenças infinitivas, percebemos um comportamento diferente entre os VTD, por um lado, e os VTI e VTDeI, por outro: os VTD ocorrem mais

significativamente quando correspondem aos verbos com concordância em LSB (ex. (5)); os VTI e os VTDeI ocorrem mais significativamente quando correspondem aos verbos sem concordância (ex. (6)).

(5) [Maria **olhar** o bolo]

(6) [**Precisar** na atenção de libras.]

Os seguintes valores percentuais dos VTD e dos VTI e VTDeI foram levantados do número total de sentenças finitas e de infinitivas somente agramaticais com verbos com concordância (71 casos) e sem concordância (79 casos) em LSB. Do total de sentenças finitas construídas com os VTD, 40,8% dos casos corresponderam aos verbos com concordância em LSB e 50,6% corresponderam aos verbos sem concordância. Nas sentenças infinitivas agramaticais criadas com os VTD, 21,1% desses verbos corresponderam aos verbos com concordância e 2,5% aos verbos sem concordância em LSB.

As ocorrências de VTD relacionados aos verbos com e sem concordância nas sentenças finitas quase que se equiparam; no entanto, nas sentenças infinitivas os percentuais são bastantes baixos comparados às sentenças finitas, principalmente com as ocorrências de verbos sem concordância em LSB. Isso quer dizer que, mesmo o verbo sendo sem concordância naquela língua, o indivíduo flexiona o verbo na LP. Por um lado, esse fato parece evidenciar que a gramática da L2 dos surdos já trabalha com um dispositivo geral de flexão verbal na língua; contudo, é preciso considerar que, como todos eles ainda produzem sentenças gramaticais e agramaticais, não se pode pressupor uma convergência total na gramática do português, mas parece haver ainda uma opcionalidade que se respalda, conforme se mostrou acima, também na estrutura argumental dos diferentes verbos.

Nas sentenças finitas criadas com VTI e VTDeI, 25,3% desses verbos corresponderam aos verbos com concordância em LSB e 20,2% aos verbos sem concordância. Nas sentenças infinitivas com os VTI e VTDeI, 4,2% desses verbos corresponderam aos verbos com concordância em LSB e 12,6% aos verbos sem concordância. Os percentuais de VTI e VTDeI em sentenças finitas, com ambos os tipos de verbos na LSB, se aproximam. Mas, nas sentenças infinitivas, o percentual referente ao uso de verbos com concordância é bem menor comparado ao percentual de uso de verbos sem concordância em LSB. Isso nos indica que, quando os verbos com concordância correspondem aos VTI e VTDeI, o informante tende a flexioná-los e, quando se trata de verbo sem concordância, os mantém sem marca morfológica.

Acredito que estamos diante de uma aquisição da L2 em percurso para se atingir a gramática-alvo. Essa gramática provisória (interlínguas) tem por registro que verbos de dois argumentos possibilitam a flexão verbal tal como ocorre com os verbos com concordância na LSB, assim como também tem por registro que todos os verbos da LP recebem flexão. Portanto, mesmo os verbos sem concordância em LSB, mas que têm a estrutura argumental semelhante aos verbos com concordância, recebem a marca de flexão na LP, como é o caso dos verbos identificados como VTD. É como se houvesse uma generalização do valor paramétrico da primeira língua, no caso a marca morfológica dos verbos com concordância em LSB, e esse mecanismo possibilitasse a fixação paramétrica da segunda língua, a língua portuguesa. Porém, não só a estrutura verbal é um dispositivo para marcação paramétrica, mas sim a seleção do argumento interno feita pelo verbo (argumento esse que pode ser realizado categorialmente como um sintagma determinante (DP) ou como um sintagma preposicional (PP)). Quando se trata de VTI e VTDeI, ocorre uma transferência da primeira língua de modo

diferenciado, pois nesses verbos é identificado o caso dativo tal como o que ocorre com os verbos com concordância na língua de sinais israelense, conforme discutimos em 2.⁷

Neste caso, o indivíduo segue o seguinte padrão: somente os verbos com concordância em sua língua recebem a marca afixal do caso dativo, por isso não o reconhece nos verbos sem concordância e conseqüentemente não os flexiona na nova língua adquirida. Havendo ainda esse tipo de transferência, é aceitável que haja ocorrências de não marcação morfológica de flexão verbal, pois, na realidade, o valor paramétrico não foi ajustado de acordo com a língua alvo. Estou assim supondo que há gramáticas provisórias da L2, mas que a GU seja acionada nesse percurso da aquisição em função de se observar traços específicos da L1 nas gramáticas provisórias dos informantes.

Na introdução, assumiu-se como hipótese que o acesso à GU, na aquisição da L2, ocorreria de forma parcial. Isso significa pressupor que, quando adquirimos uma segunda língua, a gramática inicial apresentará valores paramétricos próprios de nossa primeira língua (cf. Meisel (1997) e White (1987,1989) sobre hipóteses de acesso à GU (parcial, total ou sem acesso)). À medida que o processo de aquisição se torna efetivo, dado o acesso a um *input* adequado e robusto, esses valores da L1 serão paulatinamente remarcados para acomodar aqueles da L2, quando forem divergentes. No caso em discussão, isso significa que os surdos terão que remarcar os valores referentes aos verbos sem concordância em sua língua para acomodar a flexão verbal generalizada do português, conforme se vê pelo Quadro 1.

Os resultados refletem, de fato, o acesso parcial, já que em muitos casos os surdos estão se valendo de estruturas próprias da LSB quando produzem o português escrito. A questão que se coloca, então, é: há diferentes estágios de aquisição da L2 entre os surdos, e são esses estágios correlacionáveis a fatores externos como a idade em que foram expostos à LSB e ao português? É o que veremos a seguir.

4. O outro lado da produção: a história dos informantes

Nesta seção, é apresentada uma análise referente aos informantes, a fim de identificar-se nas produções escritas o estágio de aquisição da L2 por estes indivíduos.

4.1. A história linguística dos informantes

Mostro um quadro geral que identifica alguns dos fatores externos relativos aos informantes, e a seguir correlacionam-se os resultados linguísticos aos fatores externos a serem discutidos, para verificar, mesmo que indiretamente, o estágio de aquisição da L2 desses indivíduos.

⁷ Nem todo verbo transitivo indireto seleciona dativo no português, porém, os casos em que ocorre o verbo com concordância na língua de sinais parecem ser justamente os de dativo no português.

Tabela 1 – Características dos Informantes e produção de sentenças

I n f o r m a n. n.	Produção de Sentenças						Característica dos Informantes						
	F i n i t. n.	I n f i n i t. n.	T o t a l	A g r a m. a.	G r a m a. a.	% G r a m. a.	I d a d e	Idade Adq. Surdez	Grau Surd.	Pais Surdos	O r a l i.	Aquis. L S B	Idade Alfab.
C	17	2	19	2	17	89,4%	24-26	1-6m	Mod.	N	S	Adol.	9 anos
D	6	3	9	2	7	77,7%	18-20	Cong.	Mod.	N	S	Adol.	14 anos
E	8	2	10	1	9	90%	27-29	10-18m	Sev.	N	S	Adul.	7 anos
G	14	4	18	8	10	55,5%	18-20	10-18m	Sev.	N	S	Inf.	7 anos
H	5	--	5	-	5	100%	30-32	Cong.	Sev.	N	S	Adul.	9 anos
J	11	0	11	2	9	81,8%	27-29	19-24m	Sev.	N	S	Adul.	7 anos
K	6	2	8	3	5	62,5%	18-20	Cong.	Prof.	N	S	Adol.	7 anos
L	5	3	8	3	5	62,5%	24-26	Cong.	Prof.	N	S	Adol.	7 anos
M	1	6	7	6	1	14,2%	39-41	Cong.	Prof.	N	N	Inf.	8 anos
N	4	4	8	4	4	50%	18-20	Cong.	Prof.	N	S	Inf.	7 anos
R	6	2	8	2	6	75%	21-23	Cong.	Prof.	N	N	Adol.	18 anos
S	14	2	16	8	8	50%	21-23	Cong.	Sev.	N	S	Inf.	8 anos
T	4	8	12	8	4	33,3%	39-41	Cong.	Prof.	N	N	Adul.	14 anos
U	9	4	13	10	3	23%	33-35	Cong.	Sev.	N	N	Adul.	9 anos
V	6	3	9	3	6	66,6%	18-20	Cong.	Prof.	N	S	Adol.	7 anos
X	2	3	5	2	3	60%	18-20	19-24m	Prof.	N	S	Adol.	10 anos
Z	10	0	10	-	10	100%	18-20	Cong.	Prof.	N	S	Inf.	7 anos

Na primeira coluna da Tabela 1, encontram-se os informantes identificados por letras, sequencialmente estão os números de sentenças finitas, infinitivas e o número total de produção escrita feita por cada um deles. A seguir, estão os números de sentenças agramaticais e gramaticais, bem como o percentual da produção de gramaticais. Verificamos que a quantidade total de sentenças produzidas entre os indivíduos não ocorre equilibradamente. Por exemplo, o número total de sentenças produzidas pelo informante X comparado ao número de produção do indivíduo C é bem pequeno. Isto não quer dizer que o informante C tenha produzido mais sentenças do que o informante X, pois cada informante produziu no mínimo 10 sentenças, tal qual era previsto pelo experimento, mas sim que o informante C produziu mais sentenças válidas para análise do que o informante C.

Em relação aos indivíduos, informo sua idade cronológica, idade em que adquiriram a surdez, se são ou não filhos de pais surdos, se foram oralizados, a fase em que adquiriram a LSB e a idade em que foram alfabetizados⁸.

Com esses dados em mente, observemos o levantamento das sentenças gramaticais e agramaticais de todos os informantes e o cálculo percentual referente às suas produções gramaticais, a fim de seguir com uma análise quantitativa das sentenças licenciadas na L2 para apontar indiretamente o estágio de proficiência de nossos informantes.

Assumimos que os indivíduos que atingiram mais de 70% de produções gramaticais são indivíduos que fixaram os valores paramétricos referentes à flexão verbal na LP.⁹ Os percentuais abaixo de 70% são de flutuação quanto à marcação paramétrica variando de indivíduo para indivíduo; no caso de nossos informantes, considero que esses indivíduos estão

⁸ Tome-se aqui “alfabetizados” por idade em que os indivíduos informaram ter iniciado o processo de alfabetização.

⁹ Esses valores são tradicionalmente assumidos por toda a literatura experimental gerativista em aquisição de L1.

em diferentes estágios, constituindo interlínguas. Pois bem, agrupando esses indivíduos seguindo esses critérios, obtém-se o seguinte resultado:

Os informantes C, D, E, H, J, R e Z foram considerados como tendo fixado os valores de flexão verbal da L2. Estes tiveram provavelmente uma exposição maior à escrita, que os levou mais rapidamente ao português escrito do que os outros, embora não tenha havido controle desse tipo de informação na pesquisa. O interessante, nesse grupo, é que, à exceção de Z, todos tiveram contato com a LSB ou na adolescência ou vida adulta; porém, todos tiveram contato com o português ainda crianças (entre 7 e 9 anos), à exceção de R e D, cujos valores tomados como tendo havido marcação do parâmetro relevante em LP estão no limiar do corte aceitável (respectivamente, 75 e 77%). Isso levanta a questão de qual, exatamente, é a primeira língua do indivíduo, já que o português escrito entrou em suas vidas antes da LSB. O outro fator que os agrupa é serem ainda jovens, normalmente na faixa dos 20 anos. O informante H também apresenta as características acima, porém produziu 100% de sentenças gramaticais. Cabe, contudo, considerar que sua produção é bastante baixa, ou seja, muitos de seus enunciados foram descartados por serem ininteligíveis ou por não conterem verbo. Finalmente, o informante Z, talvez esse possa, efetivamente, ser considerado um indivíduo bilíngue e isso explique o seu percentual de 100% de sentenças gramaticais, para além da alta produtividade de sentenças adequadas para análise. Z adquiriu a LSB na infância e entrou em contato com o português, através da alfabetização, aos 7 anos. É também jovem.

Os informantes G, K, L, M, N, S, T, U, V, X são os indivíduos que estão em processo intermediário de aquisição, oscilando entre a L1 e a L2. Entre eles estão M, T e U, que são os indivíduos que mais demonstram dificuldade com a L2, atingindo os percentuais mais baixos. O que há de comum entre os três é estarem todos nas faixas etárias mais elevadas do grupo, acima de 30 anos. T e U apresentam, ainda, duas outras características comuns: adquiriram LSB na vida adulta e entraram em contato com o português já aos 14 anos. Em outras palavras, já haviam passado do período crítico da aquisição, quando tiveram contato com as duas línguas. M, por outro lado, afirma ter adquirido a LSB ainda na infância e ter sido alfabetizado aos 8 anos, as mesmas características apontadas, em termos de exposição linguística, para Z. A única explicação, portanto, para o comportamento discrepante entre esses dois surdos, para além de características individuais, deve estar no fato de M ser mais velho e ter ficado afastado da escola por muito tempo, não tendo um acesso contínuo e robusto ao português escrito.

Em Pires (2005), é apresentada uma análise qualitativa que compara a produção linguística desses informantes com um grupo de controle formado por indivíduos surdos filhos de pais surdos, expostos à LSB desde o nascimento de forma natural, no ambiente familiar. Naquela análise, pode-se constatar que as sentenças produzidas pelo grupo de controle e as produzidas pelos informantes são bastante semelhantes; ambos os grupos produzem sentenças gramaticais e agramaticais em português. As diferenças encontradas, contudo, apontam que, em relação a uma correspondência biunívoca entre verbos com e sem concordância em LSB e a produção de formas finitas e infinitivas no português, o grupo de controle parece estar em um estágio mais avançado de aquisição, não se observando essa correlação em seus dados. Além disso, as diferenças indicam que os informantes manifestaram outras transferências da L1 além das que foram observadas na produção do grupo de controle.

A análise comparativa feita entre a produção linguística dos informantes e a produção linguística do grupo de controle parece indicar que os informantes, apesar de não terem tido seu primeiro contato com a LSB pelos seus familiares, mesmo assim adquiriram-na como L1, em algum grau. Caso não houvesse produções agramaticais no grupo de controle, semelhantes àquelas de nosso grupo de informantes, então os processos de aquisição dos dois

grupos deveriam ser tomados como distintos, o que não parece ser o caso. Por outro lado, a produção do grupo de controle contém mais estruturas gramaticais, especialmente entre as finitas, com a flexão esperada em português, assim como contém estruturas mais complexas. Vale lembrar, ainda, que os sinalizantes do grupo de controle são ainda jovens.

Essa comparação, entretanto, leva a afirmar que os sinalizantes deste grupo estão em estágio mais avançado de aquisição do português, comparativamente, por exemplo, ao que se vê com o informante Z, descrito em 4.1. A conclusão mais óbvia é que isso se dê em função de serem, de fato, esses surdos bilíngues.

Considerações Finais

Este estudo identificou propriedades variáveis entre o português e a LSB, no que se refere à concordância verbal e apagamento de argumentos do verbo e possibilitou observar o estágio inicial da aquisição da L2 por aqueles indivíduos, levando-me às conclusões abaixo expostas.

Os aspectos linguísticos observados nas produções escritas permitem dizer o seguinte: a) os resultados obtidos sobre os tipos de verbos utilizados e a marca morfológica expressa nos verbos relacionada ao sujeito podem indicar que inicialmente no processo da aquisição da LP escrita por sinalizantes surdos da LSB ocorre a transferência dos valores paramétricos da L1 na aquisição da L2. Isso confirma, portanto, a Hipótese de Acesso Parcial à GU; b) as variadas realizações linguísticas apresentadas indicaram que os informantes estão em diferentes estágios de aquisição da L2, possuindo distintas interlínguas, mas esse é um processo, sem dúvida, regido pela Gramática Universal; c) entre os informantes houve os que já fixaram os valores paramétricos referentes à concordância verbal da LP e aqueles em que ainda ocorre flutuação quanto à marcação paramétrica, variando de indivíduo para indivíduo. Os informantes, que considero estar em diferentes estágios de interlíngua ou em processo intermediário de aquisição, apresentam um processo comum na aquisição da L2: ora mostraram transferência dos valores da L1, ora mostraram que já fixaram os parâmetros da L2, oscilando, portanto, entre a L1 e a L2; d) os informantes, apesar de não terem tido seu primeiro contato com a LSB pelos seus familiares, mesmo assim, adquiriram-na como L1, fato justificado pelas manifestações de transferência dos valores paramétricos internalizados da gramática da L1 de modo completamente semelhante às manifestações dos sinalizantes que adquiriram a LSB no meio familiar, como L1.

Os informantes que foram considerados como tendo fixado os valores de concordância verbal da L2 provavelmente tiveram uma exposição maior à escrita, via leitura, que os levou mais rapidamente ao Português escrito do que os outros, mas essa é uma conclusão provisória, pois não houve controle desse tipo de informação. Isso ao menos é verdade em termos de desenvolvimento de proficiência escrita em ouvintes. Entre os informantes que considero estar em diferentes estágios de interlíngua, oscilando entre a L1 e a L2, houve indivíduos que demonstram muita dificuldade com a L2. Apesar de constatar isto, não é possível apontar os problemas que houve no processo de alfabetização e posterior contato com a escrita, já que são muitas as variações individuais nesse processo e as variáveis externas como métodos de alfabetização, professores não sinalizantes, falta de intérpretes em salas de aula, ambiente escolar, entre outras.

Os resultados também permitem dizer que, mesmo depois de tantos anos de escolaridade, os surdos não atingem uma competência (no sentido técnico gerativista do termo) em L2, o que demonstra um engano por parte da escola em pensar o ensino do Português escrito aos surdos de modo semelhante ao ensino do Português escrito aos ouvintes.

Referências

- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding theory*. Foris: Dordrecht, 1981.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no Português: frases finitas e infinitas*. Campinas, SP. Editora Unicamp, 1996.
- GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro, in I Roberts e M Kato (orgs). *Português brasileiro, uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- KATO, M. A. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico. In: Loni Cabral & José Morais (orgs) *Investigando a linguagem*. Fpolis: Editora Mulheres, 1999.
- MEIR, I. (2002) A cross-modality perspective on verb agreement. *Natural language & Linguistic Theory* 20: 413-450. 2002.
- MEISEL, J. M. *Simultaneous first language acquisition: a window on early grammatical developments*. *D.E.L.T.A.*, v. 9. p.353-385. 1993.
- _____. *Parâmetros na aquisição*. In: Fletcher, P & B. Mac Whinney. *Compêndio da linguagem da criança*. P. A. Artes Médicas, 1997.
- PIRES, L. C. *Aquisição da língua portuguesa escrita (L2) por sinalizantes da língua de sinais brasileira (L1)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira*: Artmed: Porto Alegre, 2004.
- WHITE, L. Against comprehensible input: the input hypothesis and the development of second language competence. *Applied linguistics*, 8: 95-110. 1987.
- _____. *Universal grammar and second language acquisition*. Philadelphia: John Benjamins. 1989.